

“O milagre de Fátima”: aparições marianas e a cultura política católica anticomunista em Portugal (1917-1930)

Magno Francisco de Jesus Santos^I

Resumo: este artigo tem como escopo a construção de uma cultura política católica anticomunista a partir dos usos das mensagens das aparições marianas no Santuário de Fátima em Portugal. Para isso, mobilizo como fontes um amplo conjunto documental, constituído pela Documentação Crítica de Fátima, que reúne os escritos com os interrogatórios aos pastorinhos em 1917, o documento de aprovação diocesana do culto a Nossa Senhora de Fátima datado de 1930 e as Memórias da Irmã Lúcia, registro escrito em 1935 que reúne as mensagens marianas posteriores à aparição de 1917. Por meio desses escritos se torna possível entender o deslocamento temático das mensagens marianas, que passam a evidenciar uma conotação anticomunista que foi acionada na construção de uma cultura política católica.

Palavras-chave: Santuário de Fátima; Irmã Lúcia; cultura política católica anticomunista.

“The miracle of Fatima”: Marian apparitions and anti-communist Catholic political culture in Portugal (1917 - 1930)

Abstract: this article aims to construct an anti-communist Catholic political culture based on the uses of messages from the Marian apparitions at the Sanctuary of Fátima in Portugal. For this, I mobilize as sources a wide set of documents, consisting of the Critical Documentation of Fátima, which brings together the writings with the interrogations of the shepherd children in 1917, the document of diocesan approval of the cult of Our Lady of Fátima dated 1930 and the Sister's Memoirs Lúcia, a record written in 1935 that brings together the Marian messages after the apparition of 1917. Through these writings it becomes possible to understand the thematic shift of the Marian messages, which begin to highlight an anti-communist connotation that was activated in the construction of a Catholic political culture.

Keywords: Sanctuary of Fátima; Sister Lúcia; anti-communist Catholic political culture.

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

Entre os dias 12 e 13 de maio de 2017, a atenção de grande parte da imprensa mundial estava voltada para o Santuário de Fátima, em Portugal, em decorrência da primeira visita do Papa Francisco à basílica e das comemorações do centenário da primeira aparição. Portugal transmutava-se em epicentro das discussões acerca do poder de aglutinação exercido pelos santuários marianos no mundo contemporâneo, bem como sobre a relevância da devoção a Nossa Senhora de Fátima nas questões da política internacional vigente ao longo do século XX. Na homilia da Procissão das Velas, no dia 12 de maio de 2017, o cardeal Pietro Parolin reafirmou a relevância da devoção na manutenção da paz:

Por outras palavras: “Tende confiança! No fim, vencerão o amor e a paz, porque a misericórdia de Deus é mais forte que o poder do mal. O que parece impossível aos homens, é possível a Deus”. E Nossa Senhora convida a alistarmo-nos nesta luta do seu divino Filho, nomeadamente com a oração diária do terço pela paz no mundo^{II}

Nas palavras do prelado italiano, Fátima poderia ser vista como o portal anunciador da paz, o prenúncio da vitória do bem contra o mal, a afirmação da placidez entre os homens. Essa assertiva corroborou com as palavras de Francisco, ao tratar sobre “Ela, antevendo e advertindo-nos para o risco do Inferno onde leva a vida – tantas vezes proposta e imposta – sem-Deus e profanando Deus nas suas criaturas”,^{III} assim como a necessidade em “derrubar todos os muros”. Certamente, o uso da metáfora do muro constituiu-se em mecanismo na qual expressava a própria cultura histórica acerca das aparições da Cova da Iria,^{IV} nos idos de 1917, e das mensagens marianas difundidas ao longo do século XX por meio das cartas escritas pela vidente Lúcia,^V única entre os três pastorinhos a ter chegado à idade adulta.

A homilia papal referindo-se à necessidade da derrubada de muros também se atrela a outro episódio inerente a cultura histórica do santuário das aparições: a queda do Muro de Berlim e a leitura na qual o declínio das nações socialistas teria sido resultante de um milagre de Fátima. No dia 13 de maio de 1991, ao visitar o Santuário de Fátima e ver um dos fragmentos do muro de Berlim doado à basílica pelo emigrante português Virgílio Casimiro, o Papa João Paulo II teria agradecido a Virgem de Fátima pela vitória da Igreja Católica sobre o comunismo e proferido as seguintes palavras: “obrigado, celeste Pastora por terdes guiado com carinho os povos para a liberdade!”^{VI}

A trajetória do santuário mariano está intrinsecamente atrelada a uma leitura de combate às ideias associadas ao comunismo, principalmente em relação à antiga União Soviética. Fátima, o pequeno vilarejo encravado na Leiria, tornou-se o espaço idiossincrático de uma resistência ao bloco das nações socialistas. Foi o epicentro da resistência católica à propagação do socialismo e à concentração de onde emanavam as exaustivas ações de ressacralização do mundo. Em um contexto marcado pela Guerra Fria, Fátima transmutou-se na antítese espacial, política e religiosa de Moscou. Assim, a devoção mariana foi exaustivamente acionada pela alta cúpula eclesiástica como um antídoto à propagação dos ideais comunistas. Isso se deu por meio das inúmeras mensagens marianas que reafirmavam a necessidade de dedicar à Rússia ao Imaculado Coração de Maria. No período posterior à Guerra Fria, os grupos de extrema direita passaram então a proclamar o epíteto associado à terceira aparição de Fátima: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”.^{VII}

Diante dessa constatação, neste artigo tenho como escopo analisar a construção de uma cultura política católica anticomunista a partir dos usos das mensagens das aparições marianas no Santuário de Fátima, em Portugal, no período entre 1917 e 1930. Trata-se do primeiro período posterior aos fenômenos que ocorreram na Cova da Iria e que foram marcados por um processo inicial de resistência e perseguição do Estado português, que vivenciava a experiência da Primeira República (1910-1926), seguida pela acomodação e

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

apropriação da devoção pelo governo ditatorial militar (1926-1933), com o início da construção do Santuário de Fátima e que culminaria no Estado Novo português (1933-1974), momento no qual a devoção às aparições de Fátima foram reconhecidas e a imagem foi coroada canonicamente.

Essa discussão encontra-se ancorada na documentação produzida pela Igreja Católica no período entre 1917 e 1930, que revelam as marcas da suspeita e inquirição aos três pastorinhos acerca do teor das mensagens marianas, acompanhadas por um processo de reconhecimento e de usos das mensagens como um recurso na construção de um posicionamento anticomunista. Com isso, tenho como foco dois conjuntos documentais: o primeiro, refere-se à documentação crítica de Fátima, que reúne os inquéritos religiosos imputados às três crianças que testemunharam os fenômenos da Cova da Iria, no intuito de identificar o teor das mensagens que teriam sido propagadas pela “Senhora de Fátima”. O segundo conjunto documental perpassa pelas “Memórias da Irmã Lúcia”, que passa a registrar as novas mensagens marianas a partir de meados da década de 1930, mas com registros que recuavam ao início do decênio anterior. O cotejo entre as fontes é revelador de uma mudança de postura das mensagens marianas, que gradativamente deixa de se preocupar com a violência do mundo e passa a adotar uma conotação anticomunista. Essas fontes serão tencionadas por meio da mobilização de uma documentação secundária, como a documentação do Vaticano que passa a reconhecer a aparição e, em diferentes momentos, ritualiza a dedicação da Rússia ao Imaculado Coração de Maria.

Essa documentação foi mobilizada como registros que sinalizam o esforço de construção de uma cultura política católica anticomunista e que teve como amparo basilar as mensagens associadas à aparição mariana ocorrida em Fátima nos idos de 1917. Com isso, aciono a premissa defendida por René Rémond, no qual se torna possível pensar o político além do político-partidário e que “praticamente não setor ou atividade que, em algum momento da história não tenha uma relação com o político”.^{VIII}

Assim, pautado nas abordagens da nova história política, entendo a cultura política católica anticomunista como uma narrativa fomentada a partir da década de 1920 por religiosos católicos. Trata-se da tessitura de uma leitura comum de passado, a partir dos usos das mensagens marianas de Fátima, que enredava uma ameaça comunista e de um projeto compartilhado de futuro, marcado pela premissa da vitória católica sobre o comunismo a partir da intervenção de Nossa Senhora de Fátima por meio do Imaculado Coração. Essa cultura política teve como esteio inicial o clero português, mas assumiu grande capilaridade ao longo da segunda metade do século XX, por meio de setores da direita católica, ao propagar-se por diferentes países da Europa e da América. Um indício da força dessa cultura política é a apropriação do arquétipo dessa narrativa por grupos da extrema direita que nos primeiros decênios do século XXI acionaram as mensagens de Fátima como argumento para empreender o pânico em relação a uma suposta ameaça comunista que teria adentrado inclusive à alta cúpula do Vaticano.

No âmbito historiográfico, as aparições de Fátima constituem uma questão amplamente debatida, tanto em Portugal,^{IX} quanto no Brasil.^X Trata-se de uma temática privilegiada, pois os fenômenos ocorridos na Cova da Iria tiveram como pano de fundo um contexto turbulento da história política lusitana, com a grande crise de ruptura entre Estado e igreja e a implementação de uma postura anticlerical pelos governos da Primeira República em Portugal.^{XI} Contudo, a profusão do pensamento anticomunista no tocante às mensagens de Fátima constituem uma vereda complexa, marcada pelos usos do passado e por distorções das memórias relativas às mensagens e aos diferentes episódios.

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

Neste sentido, torna-se oportuno pensar acerca do processo de construção dessa cultura política católica, ao considerar dois momentos históricos da política lusitana: a Primeira República, com a adoção de uma postura anticlerical e que culminou nos episódios da aparição e a ditadura do Estado Novo, com a apropriação da devoção mariana como um elemento aglutinador do nacionalismo. Essa baliza política é o eixo estruturante deste artigo.

A Primeira República portuguesa e “as aparições de Fátima”

O segundo decênio da centúria novecentista foi marcado por fortes transformações na política lusitana, que culminou com a derrocada da monarquia e a implementação do regime republicano. No entendimento de António Candeias, ela “foi um regime que nascendo de forma violenta, por meio de um golpe de estado ou de uma revolução, conforme as opiniões, pôs fim a uma monarquia instaurada em 1143.”^{XII} Para Douglas Wheeler, esse período histórico constituiu uma “arena da República”, na qual:

os republicanos foram incapazes de criar um sistema estável e plenamente progressista. A República foi prejudicada pela frequente violência pública, pela instabilidade política, pela falta de continuidade administrativa e pela impotência governamental. Com um total de quarenta e cinco governos, oito eleições gerais e oito presidentes em quinze anos e oito meses, a República Portuguesa foi o regime parlamentar mais instável da Europa ocidental.^{XIII}

De fato, a implementação do regime republicano em Portugal foi marcada por um intenso esforço de ruptura com passado nacional, com amplo investimento em destituir os aspectos que eram entendidos como resquícios de uma tradição associada à monarquia. Ao extirpar o passado monárquico, buscava-se instituir um ideal de modernidade, capaz de redirecionar o país em uma guinada ao futuro próspero. Entre os aspectos ideológicos implementados encontrava-se a defesa de construção de um estado nacional radicalmente laico. Disso resultou na constituição de uma política nacional anticlerical, marcada pela apropriação pelo Estado dos edifícios religiosos que passariam a desempenhar outras funções, bem como a expulsão de ordens religiosas do país.^{XIV}

O regime republicano pautava-se na construção de um novo país, que fosse erigido sob os princípios da ciência. Não sem razão que Rui Ramos expressa que em Portugal “estava previsto pelas teorias historiográficas e pelos projectos políticos que no princípio do século XX contavam com o gradual apagamento do catolicismo, à medida que a humanidade se educasse em ciência e em tecnologia”.^{XV} A retórica cientificista fundamentou os embates travados ao longo do segundo decênio do século XX e levou a uma radicalização da proposta de separação entre Estado e Igreja, com o fortalecimento da proposta de instituir uma descristianização da sociedade lusitana. Sobre esse aspecto Fernando Catroga explicita:

A onda radical ditou o sentido da legislação republicana nesta matéria e deixou isolados os que propunham uma solução mais cordata para as relações entre a Igreja e o novo regime. Dir-se-ia que as precauções dos radicais em relação à Igreja — esmagadoramente monárquica e conservadora — era correspondente à suspeição desta em relação à nova ordem política, pelo que a criação dos instrumentos adequados à radicação de um projecto cultural descristianizador não podia aceitar, sequer, a sereia liberalista da neutralidade estatal em matéria religiosa.^{XVI}

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

A proximidade do clero em relação aos antigos monarcas portugueses aumentou a suspeita e intensificou a mobilização de uma política anticlerical. Isso se deu por meio da laicização do estado nacional, com a apropriação de antigos templos e redefinição do calendário, que passou a enfatizar uma dimensão civil. Segundo Fernando Catroga, o calendário instituído em 1910 por meio do Decreto de 12 de outubro de 1910,

o novo regime passava a considerar feriados os dias: “1 de Janeiro — consagrado à fraternidade universal”, “31 de Janeiro — consagrado aos precursores e aos mártires da República”, “5 de Outubro — consagrado aos heróis da República”, “1º de Dezembro — consagrado à autonomia da pátria portuguesa”, “25 de Dezembro — consagrado à família”.^{XVII}

O país passava a ter o tempo ordenado a partir da mobilização de uma memória republicana, com a edificação de novos heróis, evocados pela recuperação de um passado que ressaltava os precursores do novo regime. A reordenação do tempo também foi acompanhada de uma reestruturação dos espaços, no quais as procissões foram coibidas sob o argumento de uso do espaço público laico, assim como as ordens religiosas foram expulsas de Portugal, a partir de 1910, com a implementação da Primeira República e, de forma mais sistêmica, em 1912, com a Lei da Separação entre Igreja e Estado de 8 de agosto. No entendimento de Carlos André Moura,

O exílio de religiosos portugueses no Brasil foi incentivado pela política laicista implementada em Portugal com a instauração da República em 5 de outubro de 1910. Devido ao novo sistema de governo, as atividades das ordens religiosas passaram a ser regulamentadas pelo decreto de 8 de outubro do mesmo ano, que restaurou as leis aprovadas pelo Marquês de Pombal com relação à expulsão dos jesuítas, em 1759 e em 1767, e por Joaquim António de Aguiar em 1834, que extinguiu conventos, colégios, hospícios e qualquer casa religiosa de todas as ordens regulares em Portugal, Algarve, ilhas adjacentes e seus domínios.^{XVIII}

Foi neste cenário anticlerical e de culto à razão que nos idos de maio de 1917 eclodiu o episódio que transmutaria a pequena nação europeia em um dos epicentros devocionais do mundo contemporâneo. Os principais eventos ocorreram entre 1916 e 1917. Inicialmente, com a aparição do Anjo de Portugal.^{XIX} A aparição do anjo posteriormente foi apropriada pelo clero como um sinal de preparação para o ato glorioso que ocorreria no ano subsequente. De acordo com as memórias da Irmã Lúcia, o anjo teria anunciado às três crianças que em tempos vindouros iriam testemunhar as aparições da Virgem Maria. Em suas palavras,

Alguns momentos havia que jogávamos, e eis que um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que (se) passava, pois o dia estava sereno. Vemos, então, que sobre o olival se encaminha para nós a tal figura de que já falei. A Jacinta e o Francisco ainda nunca a tinham visto, nem eu lhes havia falado nela. À maneira que se aproximava, íamos divisando as feições: um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fora de neve, que o sol tornava transparente como se fora de cristal e duma grande beleza. Ao chegar junto de nós, disse:

– Não temais! Sou o Anjo da Paz. Oraí comigo.

E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão e fez-nos repetir três vezes estas palavras:

– Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e Vos não amam.^{XX}

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

A mensagem do Anjo da Paz coadunava com as preconizações que seriam apresentadas pela Senhora de Fátima, com inúmeros pedidos por orações. Posteriormente, a partir do dia 13 de maio de 1917, iniciou-se a sequência de seis aparições que culminou no fenômeno da chuva e do giro do sol, em 13 de outubro do mesmo ano.

Neste sentido, torna-se salutar discorrer acerca dos conteúdos que foram divulgados pelos três videntes no processo de investigação efetivado pelo clero paroquial e diocesano. Afinal, o que os três pastorinhos videntes anunciaram como as mensagens oriundas dos céus? Qual era o teor das preocupações marianas em um ano marcado pelos impactos oriundos da Segunda Guerra Mundial e da Revolução Russa? Para responder essas questões aciono as fontes publicadas na Documentação Crítica de Fátima, publicada nos idos de 2013. O primeiro registro é o interrogatório realizado à menina Lúcia dos Santos, pelo Padre Manuel Marques Ferreira, pároco de Fátima. Trata-se do registro que evidencia os ruídos naturais que antecedem o episódio sobrenatural:

Lúcia disse que andavam todos... e todos viam uma mulher. O Francisco que só a viu quando ela partiu. A Lúcia disse que estavam assentados todos e que a mulher apareceu ficando para o lado da Fátima.

Primeiro viram um relâmpago, levantaram-se e começaram a juntar as ovelhas para se irem embora com medo, depois viram outro relâmpago, depois viram uma mulher em cima duma Carrasqueira, vestida de branco, nos pés meias brancas, saia branca dourada, casaco branco, manto branco, que trazia pela cabeça, o manto não era dourado e a saia era toda dourada a atravessar, trazia um cordão de ouro e umas arrecadas muito pequeninas, tinha as mãos erguidas e quando falava alargava os braços e mãos abertas.

Essa mulher disse que não tivessem medo, que não lhes fazia mal. Perguntou a Lúcia:

– Que lugar é o de vosmecê?

Ela disse:

– O meu lugar é o céu.

– Para que é que vossemecê cá vem ao mundo?

– Venho cá para te dizer que venhas cá todos os meses até fazer seis meses e no fim de seis meses te direi o que quero.

– Vossemecê sabe-me dizer se a guerra ainda dura muito tempo ou se acaba breve?

– Não te posso dizer ainda enquanto te não disser também o que quero.

Perguntei-lhe se ia para o Céu e ela disse-me:

– Tu vais.

– E minha prima?

– Também vai.

– E meu primo?

– Esse ainda há-de rezar as continhas dele.

E depois disto abalou pelo ar acima.

Os outros dois ouviram as perguntas e as respostas mas não fizeram perguntas.^{XXI}

A mensagem da primeira aparição evidenciava os principais elementos que iriam perpassar os meses de junho, julho, agosto e setembro: o pedido para retornar no dia 13 do mês seguinte, pedidos de oração, além da preocupação dos videntes com a salvação de suas respectivas almas e sobre o final da Primeira Guerra Mundial. O teor das mensagens perpassava pelo drama da guerra que transmutava a Europa em campo de batalha. No interrogatório de junho de 1917, esse roteiro foi replicado:

– Então o que é quem e quer?

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

- “Quero-te dizer que voltes cá no dia 13 e que aprendas a ler para te dizer o que te quero.”
- Então não quer mais nada?
- Não quero mais.^{XXII}

As narrativas apresentavam uma demanda expiatória, na qual os pastorinhos pareciam se preparar para o grande ato que ocorreria no mês de outubro daquele ano. Contudo, os relatos acerca das mensagens marianas difundidos pelos setores católicos da extrema direita elucidam que as aparições de Fátima desde o mês de julho de 1917 já denunciavam as ameaças ao mundo católico em decorrência dos agravos cometidos pela Revolução Russa. Certamente, se trata de um equívoco pautado na premissa de instituir uma legitimidade ao pensamento anticomunista, pois em julho de 1917 a Rússia ainda não se encontrava sob o governo socialista, que somente seria instituído após “Revolução Vermelha” em novembro daquele mesmo ano. Em julho de 1917 o interrogatório não evidenciou a visão do inferno, nem a condenação da Revolução Russa. Evidenciava-se a preocupação com o fim da grande guerra:

- O que é quem e quer?
 - Quero-te dizer que voltem cá no dia 13
 - “Rezem o terço a Nossa Senhora do Rosário que abrande a guerra que só ela é que lhe pode valer.” (...)
- Eu disse:
- Faça um milagre para que todos se acreditem.
 - Daqui a três meses farei então com que todos acreditem.
 - Não me quer mais nada?
 - “Não, eu por mim agora não te quero mais nada.”^{XXIII}

O pedido para que o rosário fosse rezado encontrava-se ancorado no anseio de antecipar o final da Primeira Guerra Mundial. Essa tônica se repetiu nos interrogatórios acerca das aparições nos meses seguintes. Em setembro, a mensagem emergia com uma dimensão esperançosa:

- Quero dizer-te que continues a rezar sempre o terço à Senhora do Rosário, que abrande ela a guerra, que a guerra está para acabar; para o último dia há de vir S. José dar a paz ao mundo e Nosso Senhor dar a bênção ao povo; que venhas cá para o dia 13 de outubro.^{XXIV}

As mensagens criaram a expectativa de que no dia 13 de outubro de 1917 ocorreria algo extraordinário, com a aparição de diferentes santos da corte celeste e, principalmente, com o esperado sinal que promoveria a conversão dos incrédulos. Um sinal que seria aprova definitiva dos relatos produzidos pelos três videntes. Destaca-se o registro epistolar produzido por uma testemunha ocular dos episódios de outubro, o padre Manuel Pereira da Silva:

Nossa Senhora fez-me a vontade. Dignou-se dar sinal evidente da sua aparição às pequenas da Fátima. Ao meio-dia estavam na Fátima mais de noventa automóveis, uma infinidade de carros de todos os tamanhos, formas e feitios, e uma multidão enorme de pessoas (multitudo magna ... ex omnibus gentibus et linguis). Tudo molhadinho, encharcado, a escorrer, mas alegre. Cerca do meio-dia vieram as pequenas ao local e começaram, como de costume, rezando o terço. Acabado ele, perguntaram os pequenos a Nossa Senhora do Rosário se dava o tal sinal prometido. Imediatamente apareceu o sol com a circunferência bem definida. Aproxima-se como que até à altura das nuvens e começa girando sobre si mesmo vertiginosamente como uma roda de fogo preso, com algumas

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

intermitências, durante mais de oito minutos. Ficou tudo quase escuro e as feições de cada um eram amareladas. Tudo ajoelhou mesmo na lama.

Em todo o tempo, aqui e além, cantava-se, rezava-se, etc. Tudo saiu satisfeito. As pequenas disseram que apareceu Nossa Senhora do Rosário. Depois apareceu (quando o sol deu sinal) S. José. As pequenas disseram que este dissera que hoje, ou breve, seria arvorada a bandeira da paz; que rezassem o terço que em breve cá teriam as nossas tropas; que fizessem penitência, que mudassem de vida porque, de contrário, se acabaria o mundo.

Ai! que me parece que é Nossa Senhora quem ainda ampara este barco com a sua onnipotência suplicante!^{XXV}

A fonte produzida por um religioso e escolhida para integrar o conjunto documental que representaria a memória oficial das aparições de Fátima elucida os fatos miraculosos que costumam ser replicados em homilias e hagiografias atreladas à experiência das aparições, com o relato do giro do Sol, que em alguns momentos parecia se aproximar do público presente na Cova da Iria. Trata-se de um evento testemunhado por religiosos, políticos e parte da imprensa laica lusitana, que produziu matérias e registros fotográficos:

Imagem 1. Devotos de Fátima ajoelhados na Cova da Iria em 13 de outubro de 1917



Fonte: O milagre do Sol na aparição do dia 13 de outubro de 1917. Núcleo Audiovisual do Arquivo do Santuário de Fátima. Consultado em 26 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.fatima.pt/pt/multimedia/images/19171013> .

Diante de uma multidão atônica pelos efeitos sobrenaturais, a mensagem mariana continuava a evidenciar o eminente final da guerra e a necessidade de rezas. Nada constava sobre a conversão de pecadores ou algo similar, nem tampouco em relação à Rússia. Um sinal disso é o inquérito do Padre Formigão: “9a – Disse-te que rezasses pela conversão dos pecadores? – Não disse; mandou-me só rezar a Nossa Senhora do Rosário para que acabasse a guerra”.^{XXVI} O agravo ao catolicismo até o final de 1917 era o problema da guerra. Contudo, a

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

partir do decênio seguinte as mensagens marianas passaram por um importante processo de ressignificação, ao adotar um forte posicionamento anticomunista.

“O segredo de Fátima”: as memórias da Irmã Lúcia e as mensagens anticomunistas

Se as mensagens divulgadas pelos pastorinhos videntes elucidava uma dimensão política voltada para o final da Primeira Guerra Mundial, ao longo da década subsequente, as narrativas passaram a galgar uma conotação anticomunista, centrada na difusão devocional do Imaculado Coração de Maria. Essa guinada anticomunista e voltada para a conversão da Rússia se fez presente nos registros produzidos pela Irmã Lúcia, única vidente que sobreviveu aos difíceis anos finais da década de 1910. Como testemunha ocular única e vivendo na clausura de uma congregação religiosa, ela passou a escrever as suas memórias ao longo da década de 1930, mas remetendo às experiências de vidente das duas décadas anteriores. Isso resultou na reconfiguração das memórias das aparições.

Bem, Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo, parece-me ter já manifestado a primeira parte do segredo. A segunda refere-se à devoção do Imaculado Coração de Maria. Já disse, no segundo escrito, que Nossa Senhora, a 13 de Junho (*de*) 1917, me disse que nunca me deixaria e que Seu Imaculado Coração seria o meu refúgio e o caminho que me conduziria a Deus. Que foi ao dizer estas palavras que abriu as mãos, fazendo-nos penetrar no peito o reflexo que delas expedia. Parece-me que, em este dia, este reflexo teve por fim principal infundir em nós um conhecimento e amor especial para com o Coração Imaculado de Maria (14); assim como das outras duas vezes o teve, me parece, a respeito de Deus e do mistério da Santíssima Trindade. Desde esse dia, sentimos no coração um amor mais ardente pelo Coração Imaculado de Maria. A Jacinta dizia-me, de vez em quando: – Aquela Senhora disse que o Seu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus. Não gostas tanto? Eu gosto tanto do Seu Coração! É tão bom!^{XXVII}

As narrativas acerca das aparições foram recontadas pela Irmã Lúcia de Jesus Santos. O que teria, finalmente, provocado essa mudança? Seria uma comprovação do embuste? Uma distorção de realidade das memórias de uma religiosa que retomava as experiências da infância? O resultado da manipulação do clero português? Ou, ainda, o preenchimento de lacunas criadas pela questão dos três segredos de Fátima? É difícil apontar para uma causa acerca do deslocamento das demandas marianas, mas certamente, não é resultante de um embuste, que poderia ter sido acompanhado de uma manipulação dos registros documentais que foram selecionados e publicados em 2013, poucos anos antes das celebrações do centenário. Pelo mesmo motivo, a cronologia invalida ou torna pouco plausível pensar que seria resultante da salvaguarda dos segredos de Fátima, pois a documentação poderia ter sido complementada. Com isso, as discrepâncias podem ser entendidas como tensões no campo mnemônico, pois a Irmã Lúcia continuou com a experiência das visões marianas ao longo das décadas seguintes e isso deve ter possibilitado o amálgama de memórias provenientes de contextos diferentes. Isso implicou em ressignificar as memórias do 13 de julho de 1917:

Depois que, em julho, no segredo, como já deixo exposto, nos disse que Deus queria estabelecer no Mundo a devoção a Seu Imaculado Coração; que, para impedir a futura guerra, viria pedir a consagração da Rússia a Seu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados, falando disto entre nós, a Jacinta dizia:

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

– Tenho tanta pena de não poder comungar em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria!^{XXVIII}

Nas memórias da Irmã Lúcia as mensagens de Nossa Senhora de Fátima, que outrora eram marcadas por respostas escorregadias ou pela relutância em informar sobre o futuro, como o pedido para que rezassem e esperassem as informações que seriam apresentadas no dia 13 de outubro, galgavam uma assertividade na difusão devocional do Imaculado Coração e nos pedidos reiterados para que a Rússia fosse dedicada ao Coração de Maria:

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo! V. Ex. não ignora como, há alguns anos, Deus manifestou esse sinal que os astrónomos quiseram designar com o nome de aurora boreal. Não sei. Parece-me que, se examinarem bem, verão que não foi nem podia ser, da forma que se apresentou, tal aurora. Mas seja o que quiserem. Deus serviu-se disso para me fazer compreender que a Sua justiça estava prestes a descarregar o *golpe sobre as nações culpadas e comecei*, por isso, a pedir, com insistência, *a Comunhão reparadora nos primeiros sábados e a consagração da Rússia*. O meu fim era, não só conseguir misericórdia e perdão de todo o Mundo, mas, em especial, para a Europa. Deus, na Sua infinita misericórdia, foi-me fazendo sentir como esse terrível momento se aproximava, e V. Ex. Rev.ma não ignora como, nas ocasiões oportunas, o fui indicando. E digo ainda que a oração e penitência que se tem feito em Portugal não aplacou ainda a Divina Justiça, porque não tem sido acompanhada de contrição nem emenda. Espero que Jacinta interceda por nós no Céu.^{XXIX}

A religiosa registrava que o anseio mariano revelado em suas mensagens não havia sido aventado pelo clero europeu. As rezas reparadoras vinham ocorrendo apenas em território português e isso não era suficiente para garantir a derrocada do comunismo. Nas palavras da carmelitana, era necessário consagrar a Rússia ao Imaculado Coração, com o intuito de aplacar a justiça divina.

Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-Me-á a Rússia que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé, etc. Isto não o digais a ninguém. Ao Francisco, sim, podeis dizê-lo.^{XXX}

As memórias acerca das aparições de 1917 passaram a ser revistas, com a inserção dos pedidos para que a Rússia fosse consagrada. Como o documento passou a ser escrito a partir de 1935, é possível afirmar que essas memórias mesclam os elementos que foram apresentados em uma experiência bem mais recente da vidente portuguesa, com a visão ocorrida no dia 13 de junho, mas no ano de 1929 na capela de Tuy, na Espanha:

13-6-1929 – Eu tinha pedido e obtido licença das minhas Superiores e Confessor para fazer a Hora-Santa das 11 à meia-noite, de quintas para sextas-feiras. Estando uma noite só, ajoelhei-me entre a balaustrada, no meio da capela, a rezar, prostrada, as Orações do Anjo. Sentindo-me cansada, ergui-me e continuei a rezá-las com os braços em cruz. A única luz era a da lâmpada. De repente iluminou-se toda a Capela com uma luz sobrenatural e sobre o Altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto. Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da cruz, uma face de homem com corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

ar, via-se um cálix e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e duma ferida do peito. Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálix. Sob o braço direito da cruz estava Nossa Senhora (era Nossa Senhora de Fátima com o Seu Imaculado Coração... na mão esquerda, ... sem espada, nem rosas, mas com uma Coroa de espinhos e chamas...), com o Seu Imaculado Coração na mão... (...).

Depois Nossa Senhora disse-me:

– É chegado o momento em que Deus pede para o Santo Padre fazer, em união com todos os Bispos do Mundo, a Consagração da Rússia ao Meu Imaculado Coração, prometendo salvá-la por este meio. São tantas as almas que a Justiça de Deus condena por pecados contra Mim cometidos que venho pedir reparação: sacrifica-te por esta intenção e ora. Dei conta disto ao Confessor que me mandou escrever o que Nossa Senhora queria se fizesse. Mais tarde, por meio duma comunicação íntima, Nossa Senhora disse-me, queixando-se:

– Não quiseram atender ao Meu pedido!... Como o rei de França, arrepende-se-ão e fá-la-ão, mas será tarde. A Rússia terá já espalhado os seus erros pelo mundo, provocando guerras, perseguições à igreja: O Santo Padre terá muito que sofrer.^{XXXI}

Esse longo e detalhado relato, oriundo de uma aparição ocorrida no dia 13 de junho de 1929, certamente, se trata da principal fonte mobilizada pelos setores da extrema direita católica para legitimar a luta contra o comunismo como uma cruzada estimulada pela Virgem a partir das aparições de 1917. O dia em comum se tornou um aspecto que facilitou os usos do passado, com uma distorção temporal de 12 anos, criando-se uma narrativa na qual Nossa Senhora de Fátima combatia o socialismo russo antes mesmo da vitória bolchevique. Os ajustes na temporalidade emolduram as incoerências mnemônicas que perpassam a construção de uma nova cultura política católica anticomunista na Europa, assim como o entrelaçar temporal com o intuito de pressionar a alta cúpula católica no sentido de atender às demandas marianas. O famoso terceiro segredo de Fátima, que profetizava o atentado ao Papa João Paulo II foi mencionado pela Irmã Lúcia em um novo pedido para a efetiva consagração da Rússia, em uma carta de 12 de maio de 1982:

A terceira parte do segredo refere-se às palavras de Nossa Senhora: “Se não, [a Rússia] espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas” (13-VII-1917). A terceira parte do segredo é uma revelação simbólica, que se refere a este trecho da Mensagem, condicionada ao facto de aceitarmos ou não o que a Mensagem nos pede: “Se atenderem a meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; se não, espalhará os seus erros pelo mundo, etc.”. Porque não temos atendido a este apelo da Mensagem, verificamos que ela se tem cumprido, a Rússia foi invadindo o mundo com os seus erros. E se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos. Se não recuarmos no caminho do pecado, do ódio, da vingança, da injustiça atropelando os direitos da pessoa humana, da imoralidade e da violência, etc. E não digamos que é Deus que assim nos castiga; mas, sim, que são os homens que para si mesmos se preparam o castigo. Deus apenas nos adverte e chama ao bom caminho, respeitando a liberdade que nos deu; por isso os homens são responsáveis.^{XXXII}

No mesmo conjunto documental no qual a religiosa revela a aparição de 1929, ao final do século ela escreve ao Papa informando que esse pedido de Nossa Senhora de Fátima tinha ocorrido nos idos de 1917. Uma trama mnemônica marcada por fissuras e ajustes, no qual a história da luta da Igreja Católica contra o comunismo era reescrita. A década de 1980 no qual a religiosa renovou o pedido mariano demarcou o declínio da União Soviética, em 1989, o muro de Berlim foi demolido e uma lápide que era parte do muro que separava o mundo capitalista do socialista, foi doada ao Santuário de Fátima por Virgílio Casimiro em

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

março de 1991. Este seria o mais emblemático milagre de Fátima: a vitória contra o comunismo.

Notas

^I Professor do Departamento de História do CCHLA/UFRN. Doutor em História pela UFF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: magno.santos@ufrn.br

^{II} PAROLIN, Homilia na Eucaristia da Vigília. Fátima, 12 de maio de 2017, p. 1. Consultado em 26 de dezembro de 2023. Disponível em : https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/parolin/2017/documents/rc_seg-st_20170512_parolin-fatima_po.html

^{III} FRANCISCO. Homilia do Papa Francisco na Santa Missa com o Rito da canonização dos beatos Francisco Marto e Jacinta Marto. Fátima, 13 de maio de 2017, p. 1. Consultado em 26 de dezembro de 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170513_omelia-pellegrinaggio-fatima.html

^{IV} Entre os meses de maio e outubro de 1917 ocorreram os fenômenos das aparições marianas no lugar denominado Cova da Iria, situado na Freguesia de Fátima, no Concelho de Ourém. A devoção acerca dessas aparições ficou conhecida como Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

^V Assim como ocorreram em outras aparições marianas da contemporaneidade, as aparições marianas de Fátima foram testemunhadas por três crianças que trabalhavam como pastoras. Eram os irmos Francisco e Jacinta Marto e a prima Lúcia dos Santos. Francisco faleceu nos idos de 1919 e Jacinta no ano seguinte. Com isso, dos três videntes que testemunharam as aparições, somente Lúcia chegou a idade adulta, tornando-se religiosa da Ordem das Carmelitas Descalças e faleceu somente em 2005.

^{VI} JOÃO PAULO II. Discurso do Santo Padre na Vigília Mariana. Fátima, 12 de maio de 1991. Consultado em 17 de maio de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1991/may/documents/hf_jp-ii_spe_19910512_veglia-fatima.html

^{VII} Essa assertiva foi apropriada por setores da direita e da extrema direita católica. Geralmente, ela encontra-se associada à mensagens da aparição do dia 13 de julho de 1917. De acordo com os textos publicados no sítio da Canção Nova: “

Na aparição de 13 de julho de 1917, depois de mostrar o inferno para os pastorinhos e de prometer que viria pedir a consagração da Rússia, a Devoção Reparadora dos Cinco Primeiros Sábados e de lhes mostrar o futuro apocalíptico, Nossa Senhora disse: “Por fim, o Meu Imaculado Coração triunfará”, para dar a entender como ela empenha nisso o seu nome, a sua honra”. MARIA, Áurea. Por fim, meu Imaculado Coração triunfará. Cachoeira Paulista, 2017. Consultado em 26 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://santuariocancaonova.com/nossasenhora/por-fim-o-meu-imaculado-coracao-triunfara/>. Contudo, deve ser ressaltado que nos depoimentos dos pastorinhos não há menção a esse pedido.

^{VIII} RÉMOND, Réne. Do político. In: RÉMOND, Réne (Org). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 444.

^{IX} Sobre as aparições de Fátima em Portugal podem ser consultados os trabalhos de Rui Ramos (2017), Isabel Morujão (2017) e Oliveira (1999).

^X Sobre as aparições marianas em Fátima e no Brasil, temos uma recente historiografia brasileira, com as pesquisas empreendidas por Carlos Moura (2016) e Magno Santos (2017; 2019).

^{XI} Sobre o anticlericalismo na Primeira República Portuguesa podem ser consultados os importantes trabalhos de António Candeias (2005), Douglas Wheeler (1978) e Ricardo Duarte (2011).

^{XII} CANDEIAS, António. A Primeira República Portuguesa (1910-1926): educação, ruptura e continuidade, um balanço crítico. In: Actas de V Encontro Ibérico de História da Educação. Lisboa, 2005, p. 161-192

^{XIII} WHEELER, Douglas. A Primeira República Portuguesa e a história. *Análise Social*. Vol. 14, 1978, p. 865-872.

^{XIV} DUARTE, Ricardo Diogo Mainsel. *Violência anticlerical na I República (1910-1917): perspectivas antropológicas e historiográficas*. Lisboa, 114f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UNL, 2011.

^{XV} RAMOS, Rui. A história de Fátima revisitada (1917-1924). *Humanística e Teologia*. Vol. 38, n. 2, 2017, p. 137-161.

^{XVI} CATROGA, Fernando. O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911). *Análise Social*. Vol. 24, n. 100, 1988, p. 211-273.

^{XVII} CATROGA, Fernando. O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911). *Análise Social*. Vol. 24, n. 100, 1988, p. 246.

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

-
- ^{XVIII} MOURA, Carlos André Silva de. Religião e educação: os projetos dos jesuítas portugueses em tempos de exílio no Brasil (1910-1938). *Revista Pro-Posições*. N. 30, Campinas, 2019, p. 1-25.
- ^{XIX} De acordo com as memórias da Irmã Lúcia, nos idos de 1916 ocorreu a aparição do Anjo da Paz, que posteriormente, passaria a ser reconhecido como Anjo de Portugal.
- ^{XX} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 77.
- ^{XXI} FERREIRA, Padre Manuel Marques. Interrogatório a Lúcia de Jesus Santos, Fátima, 27 de maio de 1917. In: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 30.
- ^{XXII} FERREIRA, Padre Manuel Marques. Interrogatório a Lúcia de Jesus Santos, Fátima, 14 de junho de 1917. In: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 31.
- ^{XXIII} FERREIRA, Padre Manuel Marques. Interrogatório a Lúcia de Jesus Santos e Jacinta Marto, Fátima, 14 de julho de 1917. In: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 32.
- ^{XXIV} FERREIRA, Padre Manuel Marques. Interrogatório a Lúcia de Jesus Santos, Fátima, 15 de setembro de 1917. In: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 47.
- ^{XXV} SILVA, Padre Manuel Pereira da. Carta de 13 de outubro de 1917 destinada ao Padre António Pereira de Almeida. In: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 70-71.
- ^{XXVI} FORMIGÃO, Padre. Redação literária dos apontamentos dos interrogatórios do dia 11 de outubro de 1917. Aljustrel. In: SANTUÁRIO DE FÁTIMA. *Documentação Crítica de Fátima*: seleção de documentos. Fátima: Santuário de Fátima, 2013, p. 66.
- ^{XXVII} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 126.
- ^{XXVIII} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 127.
- ^{XXIX} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 129.
- ^{XXX} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 178.
- ^{XXXI} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 196-197.
- ^{XXXII} SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias. I*. Fátima: Santuário de Fátima, 2007, p. 204.

Referências bibliográficas

- CANDEIAS, António. A Primeira República Portuguesa (1910-1926): educação, ruptura e continuidade, um balanço crítico. In: Actas de V Encontro Ibérico de História da Educação. Lisboa, 2005, p. 161-192.
- CARVALHO, Orlando. *Festas com Maria*: o centenário de Fátima na catequese. Porto: Edições Salesianas, 2016.
- CATROGA, Fernando. O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911). *Análise Social*. Vol. 24, n. 100, 1988, p. 211-273.
- CRISTINO, Luciano – A primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de maio de 1917. In: COSTA, Bernardino, (Org.) *Quereis oferecer-vos a Deus?: itinerário temático do Centenário das Aparições de Fátima: 2.º ciclo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2011. p. 33-43.
- DUARTE, Ricardo Diogo Mainsel. *Violência anticlerical na I República (1910-1917): perspectivas antropológicas e historiográficas*. Lisboa, 114f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UNL, 2011.

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA
CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

LEAL, Ernesto Castro. Parties and Political Identity: the Construction of the Party System of the Portuguese Republic (1910-1926). *E-JPH*. Vol. 7, n. 1, 2009, p. 1-8.

LINS REESINK, Mísia. Para uma antropologia do milagre: Nossa senhora, seus devotos e o regime de milagre. *Caderno CRH*, vol. 18, núm. 44, mayo-agosto, 2005, pp. 267-280.

MARTINS, Moisés; CUNHA, Luís. Salazar et Fátima: entre politique et religion. p. 137-147.
MOURA, Carlos André da Silva de. “Não tenhas medo”: a formação de uma cultura visionária em Portugal e as suas práticas e representações no Brasil (1917-1940). *Topoi*, v. 17, n. 33, p. 561-585, 2016.

MOURA, Carlos André Silva de. Religião e educação: os projetos dos jesuítas portugueses em tempos de exílio no Brasil (1910-1938). *Revista Pro-Posições*. N. 30, Campinas, 2019, p. 1-25.

MORUJÃO, Isabel. As aparições de Fátima relatadas por carta: redes sociais e familiares da espiritualidade mariana. *VS*. N. 24, 2017, p. 5-49.

OLIVEIRA, Padre Mário de. *Fátima nunca mais*. Porto: Campos das Letras, 1999.

RAMOS, Rui. A história de Fátima revisitada (1917-1924). *Humanística e Teologia*. Vol. 38, n. 2, 2017, p. 137-161.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, Réne (Org). *Por uma história política*. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 441-454.

RODRIGUES, Cristina. A Primeira República em Portugal (1910-1933) e os direitos dos trabalhadores. *Trabalho necessário*. Ano 6, n. 7, 2008, p. 1-17.

SALES, Lílian. A legitimação das aparições da Virgem Maria: estratégias e agências. *Etnográfica*. Vol. 17, N. 2, 2013, p. 317-339.

SANTOS. Irmã Lúcia de Jesus. *Memórias*. I. Fátima: Santuário de Fátima, 2007.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus “Entre raios de fogo e giros de sol”: videntes de aparições marianas e os escritos de mensagens anticomunistas (Brasil e Portugal). *Revista Cultura y Religión*, v. 11, n. 2, p. 150-171, 2017.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. No silêncio da clausura: videntes de aparições marianas no Brasil (1928-1937). *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v. 19, n. 63, 2019, p. 1397-1417.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um solo bendito consagrado à Santa Mãe de Deus”: o Santuário de Fátima da Serra Grande e a construção de uma cultura política romeira no tempo presente (São Benedito, Ceará). *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 15, n. 39, 2023, p. 1-31.

“O MILAGRE DE FÁTIMA”: APARIÇÕES MARIANAS E A CULTURA POLÍTICA
CATÓLICA ANTICOMUNISTA EM PORTUGAL (1917-1930)

SANTOS, M. F. J.

WHEELER, Douglas. A Primeira República Portuguesa e a história. *Análise Social*. Vol. 14, 1978, p. 865-872.